



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na comemoração do 1º de Maio promovida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

São Bernardo do Campo-SP, 1º de maio de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras do nosso querido ABC, de São Bernardo do Campo,

Marinho, primeiro, o ABC está de parabéns por duas coisas: Santo André está na final do Campeonato Paulista e São Bernardo subiu para a divisão especial. São duas coisas importantes que estão acontecendo no ABC, porque no ABC, até então, futebol não era uma coisa muito valorizada. O estádio 1º de Maio, que servia só para a gente fazer greve, agora vai servir como domingo, lotado de gente, para assistir o São Bernardo do Campo ascender à primeira divisão, e, logo, logo o “Coringão” vai vir jogar aqui e vai precisar de muito mais gente. Ó, meu compromisso com vocês – eu não sei se este ano vai ter –, mas o primeiro jogo que o São Bernardo for fazer na divisão especial contra o “Coringão” aqui, nós estaremos lá para a gente comemorar juntos, e eu vou torcer pelo empate, obviamente.

Mas, companheira Dilma, companheira Dilma, eu queria que você viesse aqui e o Marinho, e o Marinho para a gente ter uma conversa aqui. Eu não sei, não sei se os companheiros que cuidaram desta luz aqui, se podiam mexer um pouco nisso para não ficar muito na cara da gente aqui, que me atrapalha. Bom, isso parece um “João-bobo”, a gente empurra, volta. Não, é porque a gente não consegue ver vocês. Então, eu queria pedir ao companheiro daquela luz extraordinária lá, se pudesse apenas tirar um pouco dos meus olhos... Maravilha, querido! Apaga... Aí, querido! Maravilha! Eu não sei se eu estou atrapalhando o teu trabalho, mas, certamente, a luz estava atrapalhando o meu



porque eu não consigo falar sem ver a cara das pessoas. Eu aprendi, desde pequeno, que se a gente quiser saber se uma pessoa está falando a verdade, você tem que estar olhando no olho da pessoa. Não é a palavra, é o olho. Então, eu quero olhar nos olhos de vocês e quero que vocês olhem nos meus olhos para que a gente possa ter uma conversa muito franca.

Companheira Dilma Rousseff, você que é nascida... Ô Marisa, venha aqui. Venha aqui, Marinho, venha aqui, Aloizio Mercadante, aqui, já fica todo mundo aqui. Olhem, a Dilma... Você que é nascida em Minas Gerais e você que trabalhou muito em Porto Alegre, você precisa conhecer um pouco da história do ABC Paulista e, sobretudo, dos trabalhadores do ABC Paulista. Aqui, Dilma, neste paço municipal, neste paço municipal, a gente conseguiu mudar a história deste país. Eu não quero ser presunçoso, eu não quero ser presunçoso, mas a verdade, Dilma, é que enquanto a classe operária não fez as greves no ABC, a gente não conquistou a democracia neste país. Foi a greve da Scania, em [19]78, e depois a quantidade de greves que nós fizemos na Ford, na Mercedes, na Volkswagen, na Brastemp, na (incompreensível) e em tantas outras, que a gente conseguiu criar uma consciência política. Só para você ter ideia, em 1978, o ABC inteiro tinha apenas um vereador de esquerda, dos trabalhadores, um vereador. Hoje nós temos a prefeitura de Diadema, a prefeitura de São Bernardo, a prefeitura de Mauá, e temos a prefeitura de Osasco, a prefeitura de Guarulhos, porque daquele momento para cá, a classe trabalhadora aprendeu, de forma extraordinária, que o papel dela não era apenas o papel de reivindicar. Era o papel de dirigir este país.

Pois bem, muita gente achou que era loucura um metalúrgico querer ser candidato a Presidente da República, parecia impossível, e nós conseguimos, em apenas 20 anos, criar o mais importante partido de esquerda da América Latina, conseguimos chegar à Presidência da República, e conseguimos provar que ninguém está mais preparado para governar o Brasil do que a classe trabalhadora brasileira.



Eu chamei você aqui, Marinho, porque ontem eu fui à posse do Sindicato empresarial da indústria automobilística. E vejam vocês uma coisa: ontem, a indústria automobilística brasileira, que era a nona do mundo, neste primeiro quadrimestre do ano, nós passamos a Alemanha e fizemos a quarta produção de automóvel do nosso país. Nós demos um salto de qualidade extraordinário. A indústria automobilística vai investir, até 2015, Marinho, R\$ 15 bilhões aqui no Brasil, gerando empregos, gerando tecnologia e gerando renda para o povo brasileiro.

É essa a novidade política que nós estamos vendo acontecer no nosso país. Nós já fizemos a Universidade Federal do ABC, que já está quase concluída em Santo André, e está quase o campus sendo concluído aqui no ABC... em São Bernardo, já começamos a construção. Nós fizemos a universidade em Diadema, fizemos em Santos, vamos fazer em Mauá – é só o Osvaldo arrumar o terreno, nós vamos fazer –, fizemos em Guarulhos, fizemos em Osasco e fizemos 14 universidades novas no nosso país. Veja a ironia do destino, Dilma: eu sou o único Presidente da República que não tenho diploma universitário, o único neste país, e já sou o Presidente que mais fez universidades na história do país. Não é ironia do destino? O Brasil já teve professor, o Brasil já teve general, o Brasil já teve advogado, o Brasil já teve sociólogo, o Brasil já teve tudo na Presidência. Este, que só tem o diploma do Senai, já é o Presidente que mais fez universidades na história do nosso país.

Mais ainda, companheira Marta, em cem anos, em cem anos, a elite brasileira que governou este país construiu 140 escolas técnicas, em cem anos. Eu... Em oito anos, vamos entregar 214 escolas técnicas no Brasil, ou seja, uma vez e meia... em oito anos, nós estamos entregando uma vez e meia aquilo que eles fizeram em cem anos neste país.

Mais importante, mais importante, companheira Dilma, o ProUni. O ProUni colocou na escola... este ano nós vamos chegar a 726 mil jovens da periferia deste país, das escolas públicas, fazendo curso universitário, pessoas



que jamais poderiam estudar porque não tinham dinheiro para pagar.

Essas coisas todas vão mudar a vida deste país. Este país, que era humilhado... Eu queria dizer para vocês – e o Marinho viveu isso, o Vicentinho viveu isso, o Nobre já viveu, o companheiro Grana já viveu isso –: aqui nesta cidade a gente já fez greves extraordinárias, e a gente voltava a trabalhar sem ganhar nada de aumento de salário, nada. No meu governo, em sete anos, todos os anos os trabalhadores tiveram aumento real de salário, todos os anos.

Vocês estão lembrados que neste país se afirmava que não podia dar aumento para o salário mínimo porque ele iria causar inflação. Faz sete anos que nós aumentamos o salário mínimo e a inflação está controlada, e todo mundo sabe que nós vamos controlar a inflação e que ela não vai voltar porque a inflação não prejudica o rico. A inflação prejudica quem recebe salário no final do mês, e aqui em São Bernardo nós já tivemos inflação de 80% e já vivemos isso – de 40[%], de 50[%] – e é o trabalhador que paga o preço da inflação.

Por isso, companheira Dilma Rousseff, você hoje veio no 1º de Maio daquela classe trabalhadora mais organizada deste país. Aqui, Dilma, o pessoal tem consciência: na indústria metalúrgica de São Bernardo do Campo, um trabalhador ganha simplesmente o dobro de um trabalhador da mesma indústria no Paraná, no Rio de Janeiro ou em Minas Gerais. Não é que o empresário daqui é melhor do que o de lá. É que o trabalhador daqui brigou mais do que o trabalhador de lá, o trabalhador daqui lutou muito mais.

Por último, companheiros e companheiras, eu queria agradecer a cada um de vocês, a cada um de vocês pelo carinho que vocês têm dado ao nosso companheiro Marinho, prefeito desta cidade. Eleger o Marinho prefeito desta cidade é a possibilidade de a gente fazer aqui o que a gente está fazendo lá em Brasília. O Brasil virou outro: 31 milhões de pessoas deixaram de viver na miséria e passaram para a classe média brasileira. Na crise econômica, que quebrou Estados Unidos, quebrou Japão e quebrou a Europa, quem sustentou o Brasil foi a classe pobre deste país, que foi às compras para manter o país



funcionando. E, sobretudo, as classes D e E, que conseguiram ir para shopping, Marta. As classes D e E do Norte e do Nordeste consumiram mais do que as classes A e B da região Sul e Sudeste deste país.

Este país já não é mais um país que tem subordinação ao Fundo Monetário Internacional. Vocês estão lembrados, dez anos atrás, a gente vivia com uma mulher e um homem do FMI descendo no aeroporto para dizer para o governo “Você pode fazer isso, você pode fazer aquilo”, e o governo de cabeça baixa. No nosso governo, nós dissemos: aqui quem manda não é FMI. Aqui quem manda é o povo brasileiro, aqui quem manda. E se naquele tempo a gente devia 60 bilhões ao FMI ou 30 bilhões, hoje é o FMI que deve ao Brasil US\$ 14 bilhões, que nós emprestamos para ele.

Este país, este país aprendeu a gostar de si mesmo. O povo brasileiro aprendeu a ter orgulho. Nós fomos para Copenhague disputar as Olimpíadas. O Brasil já tinha perdido três vezes. Aí disseram assim para mim: “Ô Lula, não vai a Copenhague disputar as Olimpíadas, porque vai estar lá o primeiro-ministro da Espanha, o Zapatero; vai estar lá o primeiro-ministro de Portugal, ou melhor, do Japão, o Hatoyama; e vai estar o presidente Obama. O Brasil não tem nenhuma chance”. E aí nós fomos para Copenhague. O que aconteceu? O Brasil trouxe as Olimpíadas para o Brasil, derrotando Estados Unidos, derrotando Espanha e derrotando o Japão. Eu tenho certeza que todos vocês, que assistiram o debate lá, ficaram emocionados e orgulhosos do que nós apresentamos lá.

Portanto, meus queridos companheiros e queridas companheiras. Eu, daqui a oito meses, estarei deixando a Presidência da República, estarei voltando para a Prestes Maia, junto com a minha galega, Marisa, voltando a [para] 600 metros do Sindicato que me criou. Do meu apartamento eu vejo a porta... vejo a parede da Volkswagen, onde era a Brastemp, eu vejo o Walmart, onde era a (incompreensível), eu vejo um depósito de material de construção civil. Mas eu volto com a cabeça erguida, de quem sabe que, orgulhosamente,



representou a dignidade do trabalhador brasileiro e mostrou que o trabalhador brasileiro é capaz de governar este país.

Enquanto, enquanto alguns setores aqui no Brasil criticam o governo, nós ganhamos prêmio do melhor governo do ano pelo *El Pais*, da Espanha, pelo *Le Monde*, da França, e agora pela revista *Time*, americana. Nós não fizemos isso por mérito meu, porque eu só consegui fazer o que nós fizemos porque vocês... no coração de cada mulher e de cada homem, tem um “Lulinha” escondido aí, trabalhando muito mais do que eu trabalhei.

Portanto, que quero agradecer a cada um de vocês, dizendo a vocês que o que nós fizemos precisa continuar e, para continuar, todos vocês sabem o que têm que fazer.

Um abraço e até o ano que vem, se Deus quiser.

(\$211A)